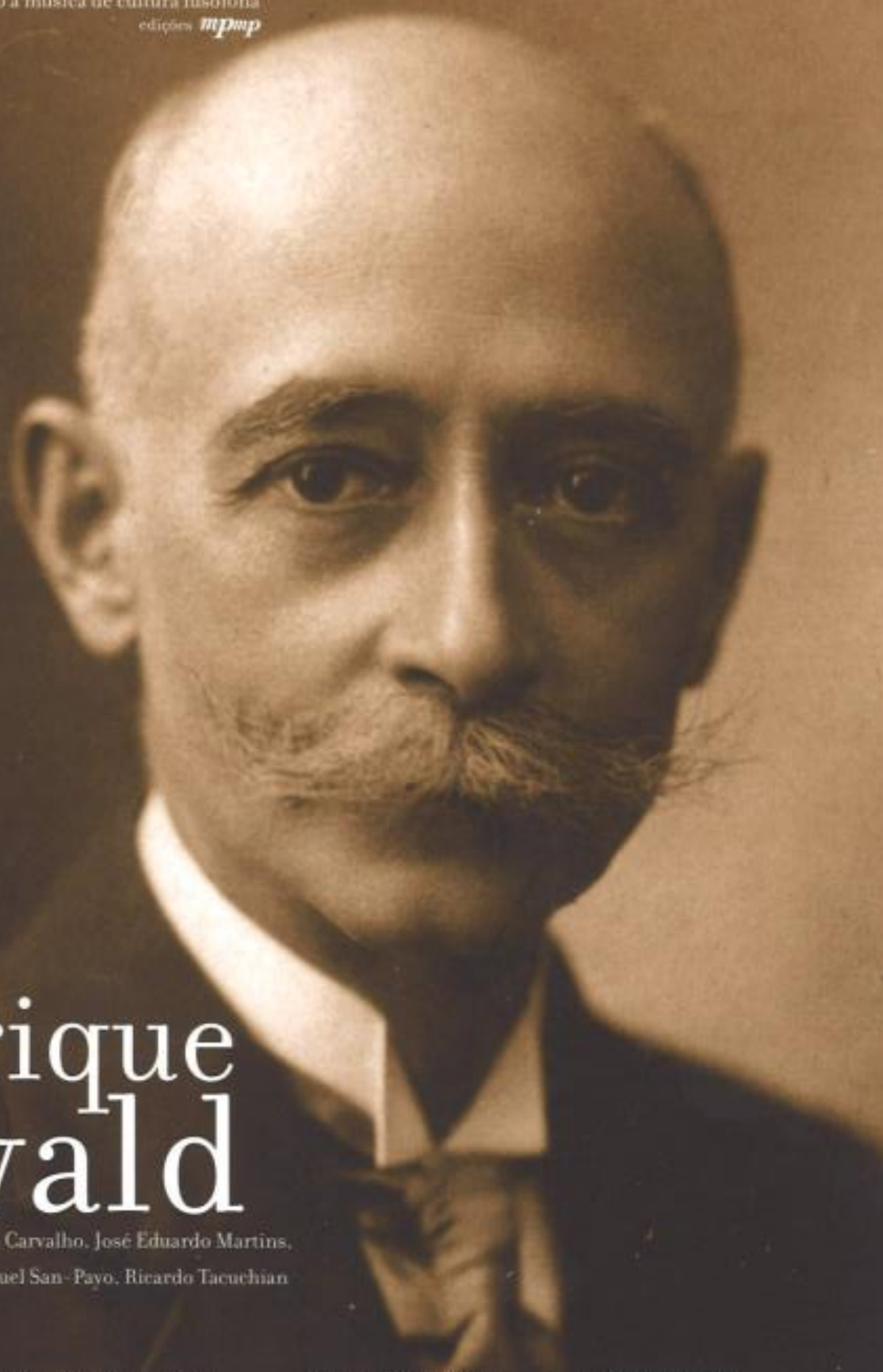


NÚMERO 9 QUADRIMESTRAL | SETEMBRO | 2013 | R\$ 5

glosas

celebrando a música de cultura lusófona
edições *mpmp*



Henrique Oswald

Com a participação de Cristina Carvalho, José Eduardo Martins,
José Francisco Bannwart, Manuel San-Payo, Ricardo Tacuchian
e Susana Igayara

**POLIFONIA NA
SÉ DE ANGRA:
O LIBER MISSARUM
DE DUARTE LOBO**

Luís Henriques

**ALMEIDA PRADO:
O COMPOSITOR
RETRATADO
PELA SUA FAMÍLIA**

Entrevista de Helen Gallo

**NOS 200 ANOS
DE MANOEL DIAS
DE OLIVEIRA**

Flávia Camargo Toni

**A SYMPHONIA
CAMONEANA
DE RUY COELHO:
UM CENTENÁRIO
DESPERCEBIDO**

Edward Luiz Ayres d'Abreu



DOIS DEDOS DE PROSA COM O MAESTRO CLÁUDIO COHEN

EDWARD LUIZ AYRES D'ABREU | ENTREVISTA
TATIANA BINA | FOTOGRAFIA

É MEMBRO FUNDADOR E, ACTUALMENTE, O MAESTRO TITULAR DA ORQUESTRA DO TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO, EM BRASÍLIA – DESTA FORMA DENOMINADO DEPOIS DA MORTE DO ASSIM HOMENAGEADO COMPOSITOR, EM 1989...

Foi uma morte muito dolorosa e muito simbólica, num ensaio geral. Começou a fazer os primeiros gestos e sucumbiu sobre os músicos. Foi uma orquestra criada por ele – orquestra que está agora na sua 34.ª temporada, e o edifício do Teatro Nacional é uma obra de Oscar Niemeyer.

É UM ESPAÇO LINDÍSSIMO. ASSISTI AO ÚLTIMO CONCERTO DA TEMPORADA PASSADA. FIQUEI IMPRESSIONADO COM A SALA CHEIA E COM O PÚBLICO TÃO APAIXONADO. É SEMPRE ASSIM?

Isso depende muito do director artístico. Uma orquestra sinfónica hoje é um organismo muito caro, e se você não conseguir atingir a população como um todo, nas diversas facetas, pode correr o risco de ser um fracasso, ou de ser um dinossauro do século XIX, enfiado dentro de sua pirâmide. Hoje a gente tem uma temporada de mais ou menos setenta concertos, quarenta ou cinquenta programas, em que procuramos diversificar a oferta cultural ao máximo possível. Tanto pode haver excertos de musicais da Broadway como concertos de formato mais clássico – a nossa fórmula principal –, e, ao mesmo tempo, temos uma festival de ópera, que criámos recentemente. E convidamos alguns artistas

pop para os concertos ao ar-livre. Conseguimos sensibilizar a população e a imprensa, fazemos concertos em hospitais, trabalhamos com escolas, e todos os concertos são gratuitos à excepção da ópera...

... POR SER UM ESPECTÁCULO DEMASIADO CARO?

Porque dá briga na porta do teatro! Fica um teatro dentro e um teatro fora. Toda a gente quer entrar. Para que o espectador possa confirmar o seu assento decidimos fazer bilhetes.

CONSEGUIRAM DE FACTO APROXIMAR A ORQUESTRA DA POPULAÇÃO. HÁ ALGUM OUTRO TIPO DE PREOCUPAÇÃO ESPECIAL QUANDO CONCEBEM A TEMPORADA? NO QUE DIZ RESPEITO, POR EXEMPLO, À VALORIZAÇÃO DA MÚSICA DE COMPOSITORES BRASILEIROS?

Na verdade somos talvez a orquestra que mais interpreta compositores brasileiros na actualidade. No festival de ópera vou fazer *Carmen* [de Bizet], tenho alguns concertos dedicados a Verdi e Wagner, e termino com a ópera *Olga* de Jorge Antunes. Totalmente moderna, de um compositor vivo, de Brasília.

A RELAÇÃO DO MAESTRO COHEN COM A ORQUESTRA COMEÇA COMO VIOLINISTA...

Tinha dezasseis anos quando foi criada. Era a primeira orquestra profissional em Brasília. Eu sou da primeira geração da cidade – nasci em Belém do Pará apenas porque o sistema hospitalar na capital não era tão favorável... Mas, precisamente por ter nascido noutra cidade, pude ganhar o título de “cidadão honorário” [risos]...

É AO MESMO TEMPO... É ADVOGADO?

A música sempre estudei. Aos dezoito anos você não começa a estudar música. Mas foi aos dezoito que comecei a estudar Direito. Naquele tempo, dizer que queria ser músico não era fácil... Meus pais são advogados. Fiz por isso essa carreira, que hoje me ajuda muito como administrador. A verdade é que quis ser advogado mas a música não deixou... [risos] Sempre que eu ia para um lugar na área de Direito, surgia uma oportunidade irrecusável na área musical... Mas a música não é fácil. Não é fácil. A música é muito boa, mas as pessoas não. [risos]

MAS É ASSIM EM TODO O LADO!

Pois é. É por isso que digo: não é o músico. É o ser humano, em geral. As disputas, os pensamentos pequenos. O dia-a-dia, as pequenas vaidades...

TAMBÉM FAZ PARTE DO QUARTETO DE BRASÍLIA – QUE TAMBÉM INCLUI ANTONIO GUERRA VICENTE, FILHO DO “COMPOSITOR A DESCOBRIR” DA ÚLTIMA GLOSAS. CHEGOU A CONHECÊ-LO?

Não cheguei a conhecê-lo. Mas tenho tido contacto com a música dele. Ele não tinha uma visão comercial do seu trabalho. Hoje em dia, para ter sucesso no seu trabalho, você precisa de saber vender o seu trabalho. Ele era quase anónimo, embora tivesse enorme talento. Aos poucos as pessoas começam a descobrir a sua obra. Tem surgido cada vez mais gravações, partituras...

IMAGINO QUE A EDIÇÃO DE PARTITURAS SEJA, COMO EM PORTUGAL, UM CASO COMPLEXO...

É, mas temos a Academia Brasileira de Música, que passou a editar as obras de compositores brasileiros. Tem um banco de partituras e as coisas estão avançando positivamente. A OSESP, Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, tem também uma editora própria. Estão a fazer a integral das sinfonias de Villa-Lobos.

O MAESTRO COHEN ESTÁ DE PASSAGEM POR LISBOA PARA DIRIGIR UM CONCERTO NO ÂMBITO DO ANO BRASIL-PORTUGAL, E VAI DIRIGIR UMA OBRA DO JOVEM CAIO FACÓ, UMA DAS PROPOSTAS PARA O CONCURSO NOVOS COMPOSITORES, ORGANIZADO PELA ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA E O mpmp...

O diálogo entre o meio musical de Portugal e o do Brasil é hoje praticamente inexistente. A importância da relação entre a música erudita portuguesa e a brasileira nos séculos passados foi desaparecendo também porque a portuguesa não tem a projecção que tem a francesa, alemã, italiana... A iniciativa do Ano Brasil-Portugal é por isso de grande relevância. Abrimos a temporada passada com um concerto em que tivemos como solista o pianista português Pedro Burmester... É positivo reforçar os laços e estamos tentando apresentar também compositores portugueses no Brasil, embora às vezes seja difícil. Perguntei por obras, sugeriram-me Joly Braga Santos, consultei orçamentos e... era proibitivo... e não me apareceu outra alternativa...

ENTENDO... AQUI EM PORTUGAL TAMBÉM É DIFÍCIL ARRANJAR MÚSICA PORTUGUESA. MAS PODE DORAVANTE CONTAR COM A NOSSA AJUDA, NO QUE FOR POSSÍVEL...

Claro. É excelente que o público tenha contacto com outras manifestações culturais. Em Outubro teremos um concerto de música húngara. A música é o melhor caminho para divulgar o património cultural de outros países. A Embaixada de Portugal é

hoje uma grande parceira nossa. Acho que vivemos um bom momento para desenvolver a relação entre Brasil e Portugal, independentemente das comemorações oficiais... A propósito, [Luiz de] Freitas Branco tem quatro sinfonias, não tem? Pela qualidade do que conheço – o *Quarteto de cordas* – deve ser excelente. Isso tudo está editado?

SIM, PELA EDITORA QUE TAMBÉM PUBLICA AS OBRAS DE JOLY BRAGA SANTOS.

Ah... É...

HÁ UM OUTRO COMPOSITOR A REDESCOBRIR QUE LHE PODERÁ INTERESSAR: RUY COELHO, QUE CAIU NO ESQUECIMENTO MUITO GRACAS À SUA SUPOSTA RELAÇÃO COM A DITADURA PORTUGUESA.

...Você sabe que eu fiz agora um concerto com um violinista israelense, e a primeira música foi a abertura de *Rienzi* de Wagner... O Embaixador de Israel não assistiu a esta peça e depois veio me explicar: "Não posso ouvir, podem tirar uma foto minha e depois vão dizer que eu estava no concerto apoiando Wagner!"... É uma perseguição ideológica.

COMO MAESTRO, QUE REPERTÓRIO LHE DÁ MAIS PRAZER DIRIGIR?

Gosto muito de fazer uma bela sinfonia de Mahler... É sempre um desafio! Poder dar a sua visão, poder construir a sua interpretação, no caso de Mahler é entusiasmante. Mas gosto de tudo em geral, desde um Mozart até um Mahler, passando pela ópera, o balé... Agora, depois da temporada de ópera, vou fazer *O lago dos cisnes*. A Giselle Santoro, viúva do ilustre compositor, é bailarina, e a filha dela foi primeira bailarina na Alemanha. Não temos uma companhia de bailado mas isso também está nos nossos planos. A maior emoção está na construção. Fazer a música do Caio Facó, por exemplo, que é nova, e poder trabalhar, experimentar... como uma massa a que vamos dando forma... Essa é uma possibilidade que você não tem como músico de orquestra.

E PROJECTOS FUTUROS?

O Brasil avança economicamente. Há mais oportunidades. É um momento importante. Nós, enquanto Teatro Nacional, enquanto Orquestra Sinfónica, vamos procurar dar uma projecção mais internacional para o nosso trabalho, para a música brasileira, e procurar elevar o nível técnico e artístico das instituições. Vamos abrir agora mais lugares para a orquestra. Neste momento tem oitenta músicos, e provavelmente terá mais vinte. O Teatro Nacional deve também entrar numa grande reforma, vamos trabalhar em questões acústicas... Para além disso, acabámos de sensibilizar o governo com um grande projecto sócio-educacional através da música. O aluno fica o dia inteiro na escola, mas o segundo turno será dedicado a música em geral. Desde a criança da pré-escola até ao adolescente antes de entrar na universidade, a presença da música será cada vez mais forte. De certa forma este projecto é baseado no sistema venezuelano, em que você leva a música para comunidades menos favorecidas. Nos próximos dez anos Brasília vai ser invadida por música!